

30383**ALTERIDADE NO DISCURSO DAS MULHERES QUE TIVERAM OU TÊM CÂNCER E PARTICIPARAM DE AULAS DE DANÇA**

Cristina Soares Melnik, José Roberto Goldim

Unidade/Serviço: Laboratório de Bioética - HCPA

INTRODUÇÃO: Habitualmente a presença de uma doença serve como um fator de isolamento do paciente. A redução de suas interações sociais afeta também as suas dimensões físicas e psicológicas. A possibilidade de interagir com outras pessoas que tem problemas semelhantes pode promover o ressignificado da própria doença e situação de vida. A Alteridade é um dos referenciais mais importantes para a Bioética. O olhar do Outro é constituinte e possibilita a sensação de ser, tornar-se pessoa. A Alteridade envolve o eu responsabilizar-se pelo outro, pressupõe a presença e a corresponsabilidade ética na relação. **OBJETIVO:** Identificar as características de Alteridade nos depoimentos das mulheres que tiveram ou têm câncer e participaram de um projeto de pesquisa envolvendo aulas de dança. **METODOLOGIA:** Foram ministradas 12 aulas de dança, com periodicidade semanal, para 23 mulheres que tiveram ou têm câncer. Ao término, foram realizados grupos focais, originando os relatos deste estudo. O projeto foi aprovado pelo CEP do HCPA (1110/10). As participantes passaram pelo processo de consentimento informado. **RESULTADOS:** Foram identificadas quatro categorias envolvendo a Alteridade, ilustradas através de frases das participantes: a) Identificação com o Outro enquanto fator motivador: “A minha expectativa era exatamente enxergar e conviver com pessoas da mesma doença”. “O que me atraiu foi saber que era pessoas que passaram pelo que eu passei”. b) Reconhecimento do Outro durante as aulas: “Aqui a gente não era só colega, era como se tivesse todo mundo o mesmo DNA”. “Eu não falei? Nós estamos falando a mesma língua!” “Eu acho que nós somos muito parecidas”. c) Outros que limitam e a dança reconhecendo o Outro: “Eu vou te dizer por que eu nunca dancei”: “o que tu vai fazer dançando?”, diziam. “A dança ajuda a botar para fora a alegria que a gente tem por dentro e não pode botar pra fora porque dizem: “ah não faz, isso é feio”. “Ninguém vai criticar (...) dança do seu jeito”. d) Corresponsabilidade, copresença e continuidade: “Então muita coisa que ela faz com jeitinho a gente tá copiando na vida”. “A gente pode levar para a vida essa lição de mudar o foco. Quando a gente foca na alegria, na gratidão, a vida muda”. “Eu não parava pra perguntar se tava difícil (...). Então a gente aprende também como lidar com o outro.” **CONCLUSÕES:** O referencial da Alteridade foi útil ao possibilitar a identificação de categorias de interpretação dos resultados obtidos. A possibilidade de dançar com pessoas que tiveram ou têm a mesma doença foi motivador para a participação no estudo. O reconhecimento do Outro permaneceu durante as aulas, aproximando as participantes e permitindo uma percepção das mesmas enquanto “muito parecidas”, com “o mesmo DNA”. O Outro é parte do eu. As participantes percebem a dança como espaço de reconhecimento de si, onde identificam-se, dançam “do seu jeito”, ao mesmo tempo em que respeitam a liberdade do Outro, pois “ninguém vai criticar”. A dança pode ser um espaço de fomento da Alteridade, através da corresponsabilidade e da copresença ética ampliada a outros espaços.